

Os gestos na interação face a face: proposta de micro-análise multimodal

Ana Paula Lopes
Universidade de Vigo
apfonsecalopes@gmail.com

Resumo

Comunicar com eficácia é transmitir uma mensagem num determinado contexto, com uma certa intenção, e essa mensagem ser compreendida de acordo com a verdade contextual e intencional com que foi transmitida. Dois terços da mensagem que passamos são transmitidos através do corpo (Aghayeva, 2011) e ignorar o que transmitimos através dos movimentos que executamos em interação é ignorar uma grande parte do que comunicamos (Jones e LeBaron, 2002: 512). Assim, defende-se que a comunicação humana assenta numa base tripla: o que dizemos, a forma como o dizemos e os movimentos que executamos ao dizê-lo (Poyatos, 1994, I:15). Neste contexto base, propõe-se o desenvolvimento de uma metodologia de micro-análise das mesmas interações face a face, na qual todos os movimentos cinésicos (com particular destaque para os gestos), a fala e todo o contexto de interação possam ser minuciosamente analisados, podendo-se posteriormente retirar ilações interpretativas sobre a mensagem que foi transmitida. Sustenta-se aqui que, com recurso a esta micro-análise, interações ocorridas nos mais diversos contextos possam a ser analisadas ao pormenor, passando a ser possível uma maior, mais profunda e mais eficaz compreensão da mensagem transmitida.

Palavras-chave: gestos, multimodalidade, micro-análise, interação face a face

1. Introdução

A comunicação humana é um processo que envolve uma elevada complexidade. Quando interagimos, transmitimos mensagens através do que dizemos – a fala – mas também através dos movimentos cinésicos que executamos aquando dessa interação. Todo o nosso corpo intervém no processo comunicativo e, quando se pretende analisar de forma completa e pormenorizada uma interação face a face, para uma interpretação mais correta e próxima da intenção do falante da mensagem real que foi transmitida, dever-se-á ter em conta as diferentes modalidades que participam nesse mesmo processo. Por outras palavras, deve sempre ter-se em conta o que foi dito, a forma como foi dito e os movimentos que foram executados ao dizê-lo (Poyatos, 1994, I: 15), adotando uma perspetiva multimodal de análise. Estas diferentes modalidades da comunicação – a fala e os movimentos do corpo – participam de igual forma e com igual importância na transmissão de uma mensagem em contexto de interação face a face. Por conseguinte, torna-se vital incluí-las numa possível análise de uma interação desta natureza. Ignorar alguma destas modalidades transforma, assim, esta numa análise empobrecida e incompleta (Merinero, 1996: 272).

2. Contexto científico e estado da arte

Os Estudos do Gesto – uma área da Linguística que investiga, entre outros aspetos, os movimentos do corpo, com particular destaque para os gestos, em contexto de interação face a face – destacam a importância destes movimentos numa análise interacional. Vários autores dentro desta área, bem como de áreas adjacentes como a Psicologia, a

Etnografia, a Etnologia, a Antropologia, entre outras, têm estudado a relação entre estes movimentos e outros conceitos igualmente importantes no contexto de um processo comunicativo de transmissão de mensagem.

Ao longo das últimas décadas, vários têm sido os estudos realizados que relacionam os gestos e os restantes movimentos cinésicos com a produção de enunciados verbais. Dentro destes estudos, têm sido analisadas questões como as funções de cada tipo de gesto e de outras partes do corpo em interação, a relação destes movimentos com a fala, a relação entre movimentos cinésicos e o pensamento, o modo como os gestos podem representar imagens concetuais, realidades abstratas ou concretas, emoções, empatia, atitudes e comportamentos (Kendon, 2004; McNeill, 1992; de Jorio, 2007; Duranti, 1997; Kita, 2003).

Foram já elaboradas sistematizações das principais funções dos gestos (Ekman e Friesen, 1969; Kendon, 2004; 2013; McNeill, 1992), em que foram definidos diferentes tipos de gestos e agrupados de acordo com a sua função específica no processo comunicativo. Percebeu-se que existem gestos que substituem a fala, que representam, conforme afirmado, realidades e/ou conceitos concretos e abstratos, que podem servir de janela para a mente (possibilitando uma “visualização” do pensamento do falante), podem também organizar o discurso, marcar o ritmo de um discurso, entre muitas outras funções. Por vezes, a mensagem que um gesto transmite não foi, voluntária ou involuntariamente, verbalizada pelo falante. Deste modo, e numa possível análise dessa interação em particular, pode ser possível interpretar o que esse falante tinha em mente quando transmitiu a dita mensagem e, conseqüentemente, ter acesso a informação que pode ser mais ou menos importante, dependendo do contexto.

2.1 Aplicabilidade da análise

Uma análise de uma interação face a face que englobe todas as diferentes modalidades de interação – uma análise multimodal, portanto – permite a quem a executa retirar muito mais informação acerca do que foi efetivamente transmitido do que uma análise em que se estuda parcialmente aquele processo comunicativo em causa. Possibilita, de igual forma, um entendimento da mensagem mais eficaz e próximo da real intenção do falante. Desta forma, torna-se mais possível evitar mal-entendidos e interpretações erradas de uma mensagem que, dependendo do contexto em causa, pode ter conseqüências mais ou menos gravosas.


Uma análise completa do processo comunicativo pode ser aplicada em qualquer contexto em que ocorra uma interação face a face. Por vezes, pode ser importante analisar uma entrevista ou um debate político, um discurso de um líder, a palestra de um diretor de uma empresa ou ainda o interrogatório dirigido a um suspeito de um crime ou a um arguido em tribunal. Por vezes, perceber a verdade de uma mensagem pode revelar-se vital para evitar um mau julgamento ou uma decisão errada. Porque importa transmitir mensagens e que estas sejam corretamente interpretadas por quem as recebe.

Em Portugal, tal como acontece noutros países, poucas são as situações em que interações face a face são analisadas, sobretudo para fins de investigação. Porém, se tal acontecesse, a probabilidade de um maior apuramento da verdade aumentaria de forma considerável. No caso particular das interações que ocorrem em contextos forenses – seja num interrogatório criminal, seja em contexto de julgamento em tribunal – não existem

registos completos das mesmas que possam, caso se revele necessário, permitir uma análise multimodal da mensagem que foi transmitida. As mais das vezes, procede-se a um registo áudio das interações – por vezes, transcrito para papel por indivíduos sem qualquer formação para o fazer – sendo apenas anotado de forma simples o que foi verbalizado pelos falantes. Ora, toda a componente dos movimentos do corpo é expressamente ignorada perdendo-se, deste modo, dois terços da informação passada (Aghayeva, 2011).

2.2 Metodologia e objetivos da análise

Aqui, pretende analisar-se comparativamente, tanto numa perspetiva quantitativa como sob o ponto de vista qualitativo¹, estudos de caso realizados com o intuito de tentar perceber diferenças na quantidade e no tipo de gestos (e de outros movimentos cinésicos) executados por falantes nativos do português europeu e por falantes nativos do inglês britânico. Aprofundou-se uma metodologia de micro-análise dos gestos e dos restantes movimentos cinésicos, com base noutras já existentes (Galhano-Rodrigues, 2007; Zagar-Galvão, 2015), para que pudesse ser utilizada como base científica e sustentada na análise de situações de interação face a face que ocorram nos mais diversos contextos. Esta metodologia de micro-análise, cujo exemplo se apresenta em baixo (ver tabela 1), assenta em pressupostos teóricos desenvolvidos em estudos realizados no âmbito da área dos Estudos do Gesto, nomeadamente da autoria de Kendon (2004; 2013) e de McNeill (1992), bem como, de igual forma, nalgumas áreas da Linguística Aplicada, como sendo a Análise do Discurso, a Análise Conversacional, a Linguística Interacional e, até certo ponto, também a Linguística Forense.

Falante 1 – L1	
Gesto	Fotograma
Gesto descritivo (00:13:20:230 – 00:13:21:130)	 <p>[mas p'ra eles]</p> <p>[o mundo absorve tudo]</p>

¹ Embora tenha sido efetuada uma análise com base nas duas perspetivas, conferiu-se maior ênfase ao ponto de vista qualitativo, uma vez que se considerou, no contexto dos parâmetros analíticos do presente trabalho, como sendo potenciador de um estudo mais aprofundado e completo.

Transcrição prosódica	<p>F1: <<all> <<f> ‘O WAR on terror` (.) ‘fala-se muito do terrorismo- (.) coitaDINhos dos Estados UNIdos- (.) são muito atacados- (-) ‘TAMBém são terroRISTas ELes PRÓprios- <<p> ‘não é`</p> <p>F2: <<all> <<p> ‘Mas FALando-se só do caso de Boston- (.) também- (.) ‘tens de ter em conta que é um dos eventos desportivos com mais audiência no mundo- (.) não sei se sabes- (-) pelo MENos nos ESTAdos UNIdos`</p> <p>F1: <<all> <<f> ‘AH o mundo é os Estados Unidos`</p> <p>F2: <<all> <<f> ‘NÃO (.) a NÍvel mundial- (.) estou a dizer dos eVENtos desporTIVOS americanos- (.) norte-americanos-</p> <p>F1: <<all> <<f> ‘[eu percebi o que estavas a dizer]` (.) sim sim- (--) mas p’ra ELes o MUNdo abSORve TUdo`</p>
<p>Tema: Nesta passagem aborda-se o tema do terrorismo e dos atentados na maratona de Boston em 2013.</p>	
<p>Características do gesto: Este gesto parte de uma sucessão anterior de gestos estruturantes que marcavam o ritmo da fala. Na fase da preparação, o braço/mão esquerdos erguem-se até à zona da periferia esquerda, a palma da mão orientada para cima (PC), orientando-se posteriormente para baixo (PB), adquirindo um formato côncavo, e os dedos semi-fletidos, ligeiramente afastados, orientados para baixo (golpe). Regressa, por fim, à posição de repouso (fase de retração).</p>	
<p>Interpretação: O golpe deste gesto descritivo co-ocorre com a verbalização de “absorve”. A forma que a mão e os dedos adquirem – côncava e semi-fletidos – assemelha-se a um objeto que abarca, que envolve, que absorve, tal como é verbalizado pelo falante. Trata-se, pois, de um gesto que exemplifica a imagem verbalizada, que representa um conceito (“absorver”), ilustrado pelo falante através da forma da mão, desenhando o formato de um objeto do mundo real utilizado para absorver (Kendon, 2004: 190-191).</p>	

Tabela 1: Exemplo da micro-análise

2.3 Análise quantitativa e qualitativa

Numa primeira experiência, comparou-se quantitativamente os gestos executados pelos dois grupos de falantes. Numa segunda experiência, foi desenvolvida e aprofundada a metodologia proposta neste trabalho, tendo sido analisados de modo qualitativo os dados recolhidos. Foram elaboradas tabelas e gráficos que esquematizam os resultados obtidos e foram tecidos comentários, devidamente sustentados cientificamente, sobre as observações que foram retiradas. Foi também realizada uma experiência, dentro desta, em que se questionou a falantes nativos do português europeu e a falantes nativos do inglês britânico que analisassem os vídeos referentes ao grupo oposto e também ao mesmo grupo, sem acesso à parte sonora, e que comentassem sobre as suas opiniões relativas àquelas interações.

No âmbito da primeira experiência realizada, a análise quantitativa destes estudos de caso revelou que o número de gestos executado pelos falantes nativos do português europeu é consideravelmente superior àquele executado pelos falantes nativos do inglês britânico.

Qualitativamente, e no contexto da segunda experiência, foi possível perceber que o modo como cada grupo de falantes interpreta a forma de interagir do outro diverge da realidade. Embora, naquelas interações em particular, não tivesse ocorrido nenhum momento de particular tensão ou irritabilidade, foi possível perceber os mesmos por parte dos falantes nativos do inglês britânico relativo ao grupo dos falantes nativos do português europeu. Além disto, e a partir da análise dos diferentes tipos de gestos executados por cada falante em análise, foi possível concluir que se verifica a existência de transmissão de mensagens e de conteúdos semânticos através da execução gestual, mensagens e conteúdos estes que não haviam sido verbalizados pelos falantes. Também, que alguns

gestos revelam o pensamento do falante, outros que marcam o ritmo do discurso e que também o organizam. Foi, de igual forma, possível perceber que os falantes nativos do inglês britânico executam a grande maioria dos seus gestos num espaço físico próximo do seu tronco – menor amplitude de execução gestual – o que não se verifica nos falantes nativos do português europeu.

2.4 Observações

Em termos globais, foi possível apurar o seguinte:

Através da execução de gestos, os falantes podem transmitir informação que não haviam verbalizado. Desta forma, pode ter-se acesso a mensagens e/ou a imagens mentais que os falantes poderiam querer, voluntária ou involuntariamente, omitir, e que podem revelar-se importantes consoante o contexto da interação – funcionando os gestos, assim, como janela para a mente (McNeill, 1992; de Ruiter, 2007). Além disto, os momentos de pausa e de hesitação podem revelar que um falante está a organizar o seu pensamento ou, se estiver a interagir em L2, que necessita de mais tempo do que necessitaria em L1 para escolher elementos lexicais ou estruturar sintaticamente o seu discurso.

Os aspetos comuns partilhados pelos falantes de uma interação (cultura, pressupostos, expectativas, crenças, ideologias, educação...) podem contribuir para que uma interação seja mais natural e espontânea e que a transmissão da mensagem seja mais eficaz e mais facilmente compreendida.

Além dos gestos referenciais já mencionados, observou-se o que se segue relativamente aos restantes tipos de gestos analisados:

Os gestos estruturantes, sendo movimentos executados pelas mãos/braços e, por vezes também, pela cabeça, que marcam o ritmo da fala, podem ser observados como ocorrendo numa aparente ligação com características prosódicas às quais o falante atribui um destaque através da execução dos mencionados gestos (Kendon, 2013: 16). Kendon (2004) analisou gestos – “*precision grip*” e “*finger-bunch-open-hand*”, por exemplo – executados por napolitanos numa coordenação semântica com o conteúdo da fala. Os gestos de “*precision grip*”, em particular, foram observados como ocorrendo simultaneamente a um conteúdo do discurso que o falante considera de importância vital, pretendendo destacar algo que considera específico e importante naquele contexto de interação (Kendon, 2004: 237-247).

Os gestos emblemáticos (Ekman e Friesen, 1969) ou “*quotable gestures*” (Kendon, 1992) – gestos com um elevado grau de convencionalidade, cuja execução pressupõe uma intenção semântica, ou seja, existe o objetivo por parte do falante de criar significado ao executar um gesto emblemático – são gestos marcadamente culturais com significados próprios enraizados e percebidos nas diversas comunidades em que são executados (Kendon, 2013: 12).

Os gestos designados por *butterworth* (McNeill, 1992) – executados quando o falante tenta recordar-se de uma palavra, de uma ideia ou ainda de uma expressão (McNeill, 1992: 76-77) – podem, deste modo, revelar aspetos importantes sobre o pensamento e a sua estruturação, bem como o estado emocional de um indivíduo.

Os gestos descritivos podem tornar mais específico o significado da fala que co-ocorre com o gesto, podem representar a forma de um objeto, de uma pessoa ou de um lugar, bem como as suas características espaciais e de tamanho (Kendon, 2004: 185-194).

A forma como os gestos deícticos (Kendon, 2004: 199 e segs.) – gestos em que o falante, através das mãos e/ou do(s) dedo(s), aponta para um ou mais referentes – são executados varia, como foi possível observar, e essas variações podem transmitir informações sobre o modo como o falante encara e se relaciona com o referente desse gesto de apontar (Kendon, 2004: 199).

Os gestos adaptadores (Ekman e Friesen, 1969) são movimentos aprendidos ao longo do desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo usados para satisfazer necessidades do corpo ou realizar ações quer para gerir estados emotivos quer para desenvolver ou manter contactos pessoais (Ekman e Friesen, 1969: 84), categoria de gestos esta onde se inserem os gestos de auto-adaptação. Trata-se, pois, de gestos importantes para a interpretação de estados emotivos, uma vez que podem revelar informação de relevo sobre o falante (sobretudo, os gestos de auto-adaptação) (Galhano-Rodrigues, 2007: 123).

É importante mencionar que, pese embora se tenha como intenção aplicar a análise desenvolvida em contextos forenses de interação face a face, não foi possível, devido a limitações de natureza legal, realizar a recolha de dados nestes mesmos contextos. Foram feitos vários contactos no sentido de solicitar autorização para esta recolha junto de tribunais e de esquadras da polícia. No entanto, ainda não é legalmente possível registar em vídeo interações face a face neste tipo de contextos. Assim sendo, esta é uma das limitações deste estudo, que não tornou possível uma análise real de contextos forenses reais. Não obstante esta situação, os vídeos realizados permitem retirar ilações que podem ser passíveis de aplicação em qualquer contexto de interação, estando o contexto forense incluído.

3. Caminhos futuros

Defendendo-se que, futuramente, deveria passar a ser possível um registo em vídeo de interações face a face, particularmente as ocorridas em contextos forenses, fica em aberto o desenvolvimento e aprofundamento futuros deste processo micro-analítico de movimentos cinésicos e a sua possível aplicação tanto nos contextos forenses como noutros contextos interacionais, numa tentativa de contribuir para uma comunicação face a face mais eficaz. Porque importa que aquilo que transmitimos seja, independentemente do seu contexto de produção, interpretado da forma mais próxima da realidade possível.

Referências bibliográficas

- Aghayeva, K. (2011). “Different Aspects of Nonverbal Intercultural Communication.” *Khazar Journal of Humanities and Social Sciences*, 53-62.
- de Jorio, A. (2000). *Gesture in Naples and Gesture in Classical Antiquity* (trad. por Adam Kendon). Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press.
- de Ruiter, J. P. (2007). “Postcards from the mind: The relationship between speech, imagistic gesture and thought.” *Gesture*, 7 (1), 21-38.

- Duranti, A. (1997). *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ekman, P., & Friesen, W. (1969). "The repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usage and coding." *Semiotica*, 1 (1), 49-98.
- Galhano-Rodrigues, I. (2007). *O corpo e a fala: comunicação verbal e não-verbal na interação face a face*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Kendon, A. (2004). *Gesture: Visible Action as Utterance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kendon, A. (2013). "Exploring the utterance roles of visible bodily action: a personal account." In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig, D. McNeill, & S. Tessendorf, *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction, Volume 1* (pp. 7-27). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- Jones, S., e LeBaron, C. D. (2002). "Research on the relationship between verbal and non-verbal communication: emerging integrations." *Journal of Communication*, 52 (3), 499-521.
- McNeill, D. (1992). *Hand and Mind: What Gestures reveal about Thought*. Chicago: Chicago University Press.
- Merinero, S. I. (1996). "La comunicación no verbal en la enseñanza del español como lengua extranjera." *ASELE*, 271-275.
- Poyatos, F. (1994). *La comunicación no verbal: cultura, lenguaje y conversación, Volume I*. Madrid: Istmo.
- Kita, S. (2003). *Pointing: Where Language, Culture, and Cognition Meet*. Hillsdale NJ: Erlbaum.
- Zagar-Galvão, E. (2015). *Gesture in Simultaneous Interpreting from English into European Portuguese: An Exploratory Study*. Universidade do Porto: Tese de Doutoramento.